

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FACED
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

**Os desafios da diversidade cultural para e na formação de professores/as do
curso de licenciatura em Pedagogia da Faculdade de Educação da
Universidade Federal do Amazonas**

**MANAUS
2022**

YASMIM SANTARÉM MENDONÇA

Os desafios da diversidade cultural para e na formação de professores/as do curso de licenciatura em Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Amazonas

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção de grau de Licenciado(a) em Pedagogia pela Universidade Federal do Amazonas.

Orientador(a): Prof^ª. Dra. Fabiana Freitas Pinto

**MANAUS
2022**

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

M539d	<p>Mendonça, Yasmim Santarém</p> <p>Os desafios da diversidade cultural para e na formação de professores/as do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Amazonas / Yasmim Santarém</p> <p>Mendonça . 2022</p> <p>41 f.: 31 cm.</p> <p>Orientadora: Fabiana de Freitas Pinto</p> <p>TCC de Graduação (Licenciatura Plena em Pedagogia) - Universidade Federal do Amazonas.</p> <p>1. Diversidade cultural. 2. Formação . 3. Professores. 4. Pedagogia. 5. Contexto amazônico. I. Pinto, Fabiana de Freitas. II. Universidade Federal do Amazonas III. Título</p>
-------	--

Os desafios da diversidade cultural para e na formação de professores/as do curso de licenciatura em Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Amazonas

Yasmim Santarém Mendonça¹

RESUMO:

O presente artigo, discorre sobre a formação de professores no curso de Pedagogia da Universidade Federal do Amazonas, analisando os desafios da/na prática docente e o ensino a partir do eixo da diversidade cultural no contexto amazônico. Tem como objetivo geral a identificação dos desafios da diversidade cultural para e na formação de professores, buscando compreender o estudo da temática no âmbito da graduação. E como objetivos específicos: a) buscar nas literaturas elementos que deem subsídio ao referido estudo; b) reunir depoimentos/experiências que destaquem ainda mais a relevância do trabalho docente na formação de professores vinculado à temática da diversidade cultural; e c) identificar no currículo do Curso de Licenciatura em Pedagogia da UFAM as disciplinas que potencializam o trabalho com a diversidade cultural de modo a verificarmos a frequência com que são ofertadas. Este trabalho de caráter qualitativo, se desenvolveu a partir da pesquisa bibliográfica aliada à técnica de questionário para coleta de dados. Os resultados alcançados expressam a necessidade de uma formação escolar mais sólida, no que tange as leituras e pesquisas para os futuros universitários; de maior aproximação com a cultura regional pelos docentes para que possam inserir ainda mais em suas práticas relativas à diversidade. O estudo, por fim, ressalta que a quantidade de disciplinas no currículo não é o cerne da questão, mas sim o planejamento e a disposição em fazer essa aproximação -da diversidade de culturas - nas diferentes disciplinas.

Palavras-chave: Formação de professores. Diversidade cultural. Pedagogia.

ABSTRACT:

This article discusses the training of teachers in the Pedagogy course at the Federal University of Amazonas, analyzing the challenges of/in teaching practice and teaching from the axis of cultural diversity in the Amazonian context. Its general objective is to identify the challenges of cultural diversity for and in the training of teachers, seeking to understand the study of the subject in the context of graduation. And as specific objectives: a) to search the literature for elements that support the aforementioned study; b) gather testimonies/experiences that further highlight the relevance of teaching work in teacher education linked to the theme of cultural diversity; and c) identify in the curriculum of the Degree in Pedagogy at UFAM the disciplines that enhance the work with cultural diversity in order to verify the frequency with which they are offered. This qualitative work was developed from the bibliographic research allied to the questionnaire technique for data collection. The results achieved express the need for a more solid school education, in terms of reading and research for future university students; of closer approximation with the regional culture by the professors so that they can insert even more in their practices related to diversity. The study, finally, emphasizes that the number of subjects in the curriculum is not the core of the issue, but the planning and willingness to make this approximation - the diversity of cultures - in the different disciplines.

Keywords: Teacher training. Cultural Diversity. Pedagogy.

INTRODUÇÃO

¹ Graduanda do 9º período do Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Amazonas (FACED/UFAM).

O tema da diversidade cultural, tem ganhado cada vez mais força e destaque nos tempos atuais e esse movimento não tem se limitado aos espaços nacionais. Vozes do mundo inteiro têm feito ecoar a riqueza das diferenças nos seres humanos e a necessidade de enfatizar o respeito, onde quer que se façam presentes, podemos citar dentre essas diversas vozes Txai Suruí, jovem indígena comprometida com a luta pelas terras e vida dos povos originários do Brasil, que abriu a Conferência Climática da Organização das Nações Unidas (ONU) em 2021 e Gilbert Baker, estadunidense, ativista dos direitos LGBTQIA+² e criador da bandeira do arco-íris que é símbolo do movimento. Nesse sentido, buscar conhecer e reconhecer com mais frequência e intensidade, a(s) diversidade(s) que compõem os diversos grupos da sociedade, passa a ser um exercício coletivo inadiável, de modo a transformar positivamente nossas percepções e atitudes pessoais, sociais, políticas entre outras importantes esferas. No âmbito educacional, essa discussão pode ser melhor aprofundada, compreendida e exercida tanto no presente quanto no futuro. Não estamos querendo dizer com isso que deva ser a educação “a única responsável” pela promoção e efetivação desse debate, mas destacando que, através dela, o diálogo sobre a diversidade cultural pode encontrar expressivas oportunidades para se expandir e ser vivenciada.

Dessa forma, buscando aprofundar esse estudo, elegemos o campo da formação de professores, para promover vínculos e reflexões acerca dos desafios colocados por esse fenômeno real e muitas vezes conflituoso chamado ‘diversidade cultural’. Sendo este um tema abordado em muitos cursos superiores e escolas, de forma transversal, interdisciplinar e em momentos, se assim podemos dizer, pontuais, ansiosos ficamos por entender como determinados professores percebem e lidam com os desafios propostos pela referida perspectiva, tendo em vista sua amplitude, importância e complexidade. Partindo, por fim, a pesquisa foi realizada de cunho bibliográfico, em razão das limitações impostas pelo período pandêmico, articulando os conhecimentos de autores sobre a temática e os depoimentos dos docentes eleitos, que serão apresentados no decorrer do trabalho. Diante disso, esperamos ter apresentado a importância de tal, através desse trabalho, no processo de formação de professores do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Amazonas.

OBJETIVOS:

² Sigla que designa as minorias sexuais e de gênero composta por lésbicas, gays, bissexuais, travestis, trans, queers, pansexuais, agêneros, pessoas não binárias e intersexo.

Geral: Identificar os desafios da diversidade cultural para e na formação de professores buscando compreender, especificamente, o estudo da temática no âmbito da graduação, fazendo uma delimitada análise e correlação da literatura com o currículo e depoimentos de quatro professores do Curso de Pedagogia da UFAM.

Específicos:

- ✓ Buscar na(s) literatura(s) elementos que subsidiem e ampliem o presente estudo sobre a formação de professores e a diversidade cultural;
- ✓ Reunir depoimentos/experiências que destaquem ainda mais a relevância do trabalho docente na formação de professores vinculado à temática da diversidade cultural no Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Amazonas.
- ✓ Identificar, através da análise do currículo do Curso de Licenciatura em Pedagogia da UFAM, as disciplinas que potencializam o trabalho com a temática da diversidade cultural de modo que possamos verificar a frequência com que são ofertadas e destacar a importância através dos depoimentos dos sujeitos entrevistados.

METODOLOGIA

A presente proposta de pesquisa assume um caráter qualitativo, onde segundo Bodgan e Biklen (1994), os dados não são estabelecidos mediante operacionalização de variáveis, pois são formulados com o intuito de investigar fenômenos e todas as suas possíveis complexidades em um contexto natural. Deslandes (1994) afirma que a pesquisa qualitativa busca responder a questões muito particulares, preocupando-se com o nível de realidade que não pode ser quantificado dentro das Ciências Sociais, trabalhando assim com os significados, valores, atitudes e crenças que corresponde a um espaço mais profundo de relações e fenômenos, e que não pode ser reduzida à operacionalização de variáveis.

Tendo em vista o momento pandêmico³, enfrentamos limitações, como por exemplo, as de interação e contato com as pessoas e ambientes. Desse modo, optamos pelo desenvolvimento de uma pesquisa de cunho bibliográfico que, segundo destacado autor do campo da metodologia do trabalho científico “[...] é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrentes de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc.” (SEVERINO, 2007, p. 122) articulada à uma investigação exploratória que

³ A Organização Mundial da Saúde (OMS) anunciou em 11 de março de 2020, em Genebra/SUI, que a COVID-19, doença causada pelo coronavírus, é caracterizada como uma pandemia.

se valerá primordialmente de interação virtual com os sujeitos eleitos para este estudo. A pesquisa exploratória, de acordo com Severino (2007) busca informações sobre determinado objeto de estudo por meio da delimitação de um campo de trabalho, fazendo então um mapeamento das condições de sua manifestação.

Optar pela pesquisa bibliográfica se deu, além das impossibilidades impostas pela Covid-19⁴, entendermos que os livros, permanecem sendo ricas e fundamentais fontes de informação, no qual a temática já foi estudada e embasada por pesquisadores. Nesse caminho, buscamos dialogar, através desse recurso material, com alguns autores e pesquisadores que têm empreendido estudos acerca da pluralidade/diversidade cultural e formação de professores e, ao articular ambas as temáticas visualizamos as suas contribuições no campo das práticas formativas/cotidiano docente, sejam elas na escola, na universidade ou em outros espaços educativos.

Dentre os autores que consultamos, podemos citar: Capellini e Macena (2018), Moraes e Pereira (2014) e Gomes e Silva (2011), Cuche (1999), Laraia (2004) e Moreira (2011). Autores que, a nosso ver, abriram novos caminhos para o diálogo/estudo que desenvolvemos e, conseqüentemente, aguçam nosso desejo de se aproximar de outros estudiosos que se debruçam sobre a temática da diversidade cultural, e a minimização de algumas conflitantes questões que possam acompanhar esse debate.

Concomitante à pesquisa bibliográfica, realizamos uma ação exploratória, fazendo uso de recursos virtuais como a plataforma de *E-mail e WhatsApp*, para aplicação de um questionário envolvendo quatro docentes do Curso de Licenciatura em Pedagogia. Tal questionário foi composto de três perguntas discursivas de modo que os sujeitos respondentes pudessem expressar livremente seus pensamentos, a respeito da temática central deste estudo.

O questionário abordou questões relacionadas aos desafios e às possibilidades de trabalhar a diversidade cultural no âmbito da graduação; a importância percebida pelo docente acerca do currículo e as disciplinas obrigatórias e optativas, que tratam o aspecto da pluralidade de culturas e sobre sua relação/atuação com a diversidade cultural, no exercício da docência, com os alunos do Curso de Pedagogia da UFAM. As perguntas presentes no mesmo, são breves e objetivas, mas com o intuito de instigarem os participantes a se

⁴ Infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus (SARS-CoV-2) que teve seu primeiro caso confirmado em dezembro de 2019 espalhando-se por todos os continentes em 2020 causando uma Pandemia, que no Brasil, até o início desta pesquisa (outubro/2021) interrompeu mais de 600 mil vidas.

expressarem de modo mais aprofundado e analítico sobre sua prática enquanto docentes/formadores. Elas são:

- 1. Partindo da sua experiência docente: quais possibilidades e desafios são mais evidentes quando você vincula o estudo das suas disciplinas com a temática da diversidade cultural?**
- 2. De acordo com a grade curricular (2008/2) do Curso de Pedagogia: você considera suficiente a quantidade de disciplinas que abordam a temática da diversidade cultural? Discorra brevemente.**
- 3. Qual aspecto pode ser destacado por você como mais marcante em sua prática/cotidiano docente, que desperta e incentiva seus/suas alunos/as a continuarem estudando e/ou pesquisando sobre tema(s) que envolvam diversidade cultural, sobretudo, do/no contexto amazônico?**

Segundo Amado (2014), a técnica de questionário permite uma expressão livre das opiniões dos questionados, mesmo sendo um instrumento orientado, logo mais direto, pois cada um dos respondentes se expressará conforme suas vivências de forma singular.

Após a devolutiva dos questionários⁵, os escritos passaram por um processo minucioso de leitura e análise das falas que, em seguida, foram sendo conectadas através do diálogo com os referenciais teóricos escolhidos. A partir da análise das respostas é possível detectar as percepções, subjetividades e representações acerca do tema estudado (AMADO, 2014).

Ainda sobre os participantes deste estudo, é importante ressaltar que foram eleitos pelos seguintes critérios: 1. Serem professores do Curso de Pedagogia e 2. Atuam ou tenham atuado em disciplinas cuja temática da diversidade cultural é central e/ou atravessa com recorrência os seus debates/estudos, no decorrer dos períodos ou semestres letivos, em que são efetivadas. Elencamos esses critérios com o intuito de sondar, reunir, conhecer e evidenciar suas experiências nas disciplinas que lecionam e o enfoque que dão à temática da diversidade cultural.

O contato com os referidos professores inicialmente se deu de forma virtual, em razão as medidas de segurança sanitárias necessárias e pela suspensão ocorrida no período de outubro de 2021, das atividades presenciais e vigência das aulas remoto-virtuais. Com a

⁵ Uma das entrevistas ocorreu através do *Google Meet*, por opção de um dos entrevistados, gerando assim uma gravação da fala, que posteriormente foi transcrita, lida e analisada como as demais.

pretensão de dar os devidos encaminhamentos para que a pesquisa prosseguisse em tempo hábil, organizamos algumas etapas que buscamos cumprir com especial empenho como:

- Fazer um levantamento dentre os professores que atuam no Curso de Pedagogia da UFAM e que atuam (ou atuaram) mais frequentemente nas disciplinas ligadas às questões da diversidade cultural;

- Estabelecer um contato inicial com os prováveis participantes da pesquisa via e-mail e/ou WhatsApp explicitando o teor da presente pesquisa e as demais pretensões com o estudo; começando com um breve apelo aos respondentes explicitando o motivo da investigação, a garantia de confidencialidade e agradecimentos prévios pelas respostas com sinceridade e sem receios como sugere Carvalho (2007, apud AMADO, 2014).

- Mediante o aceno positivo para a participação na pesquisa enviamos um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido dispondo de todos os critérios, condições e condutas éticas para que fosse lido e assinado, caso houvesse concordância, e assim sendo devolvido à pesquisadora para que fosse arquivado e caso houver necessidade, seja devidamente anexado ao trabalho;

- Após sua feitura, o questionário foi enviado para cada um dos sujeitos da pesquisa de modo que pudessem apreciar e responder dentro de um prazo razoável⁶ estipulado pela pesquisadora.

- Após o recolhimento dos questionários passamos para a análise das respostas/depoimentos/experiências (momento que demandou cautela e dedicação de nossa parte), mas que também ficou aberto para o livre contato dos sujeitos, caso quisessem acrescentar ou retirar quaisquer colocações escritas ou gravadas e demais esclarecimentos que julgassem necessários ao longo da pesquisa;

- Ao fim do estudo será feita uma devolutiva aos participantes, de modo que possam verificar os resultados alcançados obtidos através de seus relatos/respostas e o cumprimento dos acordos estabelecidos inicialmente na pesquisa.

Diante da descrição do percurso, esperamos que o diálogo tecido com os participantes, ao longo do processo de pesquisa possa ainda impulsionar a criação de outros estudos e ser proveitoso à medida que for sendo lido e compreendido. Que nos ajude, enquanto sujeitos educativos e parte integrante dessa sociedade visivelmente diversificada, a refletir e a reconhecer os significativos ganhos que essa convivência pode nos trazer, sobretudo, no

⁶ Os participantes dispuseram de um prazo de 15 dias para responder aos questionários, que ocorreu em períodos diferentes de acordo com a disponibilidade de cada professor. Dois fizeram a devolutiva em dezembro de 2021, um em janeiro de 2022 e o último em fevereiro de 2022.

trajeto da formação de professores, sensibilizando e transformando suas formas de criar e produzir conhecimentos tornando suas práticas cotidianas mais humanas e includentes.

Ainda é importante entender o que é Cultura para falarmos de Diversidade Cultural:

Conceituar cultura ainda nos parece um exercício complexo, pois não é algo homogêneo e imutável, isso porque a própria cultura é diversificada e sua discussão está presente nas várias áreas do conhecimento, como veremos a seguir, alguns pensadores das áreas das Ciências Humanas e Sociais.

De maneira geral, conhecemos a cultura como aquilo que identifica um povo.

A cultura, como termo geral, significa a herança social total da humanidade. No conceito antropológico, a cultura é, para cada agrupamento humano, um conjunto de modos de proceder e pensar segundo estruturas normativas variáveis e particulares que sustentam diferentes padrões de pensamento e ação (RODRIGUES, 2012, p. 12).

É possível entender, que a cultura está caracterizada na linguagem de um grupo, na religião, costumes e determinados valores éticos, morais e políticos que fazem parte de uma organização social. Convivemos diariamente observando inúmeras expressões culturais de diferentes grupos sociais caracterizando assim a diversificação, e mesmo tendo esse contato contínuo é evidente como diversidade cultural, é um fato social que ainda não alcançou sua plenitude na sociedade. Desse modo, ainda há muitas controvérsias, mesmo com as conquistas sociais alcançadas nos últimos tempos, a exemplo, os grupos tidos como minorias: indígenas, comunidade LGBTQIA+, praticantes das religiões de matriz africana, dentre outros e com participação na política, educação, lutando pela garantia do direito de expressão artística-cultural.

De acordo com NUNES⁷ (2004, p.6, apud RODRIGUES, 2012, p.11), cultura é “um desses conceitos quentes, em estado de fusão e reformulação, do qual é conveniente nos aproximarmos, como à busca de uma realidade ignorada, em movimento de câmera lenta”. Isto é, falar de cultura proporciona uma discussão ampla dada a sua diversidade, e é necessário haver debates, tendo em vista a recorrência que os assuntos de caráter social representam atualmente: uma necessidade de ter mais evidência e conhecimento aprofundado para que seja possível construir uma sociedade mais empática e respeitosa com as diferenças.

⁷ NUNES, B. **Um conceito de cultura**. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 2004. 24 p.

Pelo viés antropológico, Roque de Barros Laraia, renomado pesquisador brasileiro, faz reflexões sobre o conceito de cultura desde sua origem, onde Edward Tylor, antropólogo britânico do século XIX, sintetizou a palavra *Kultur* de origem germânica e *Civilization* de origem francesa formando assim a palavra inglesa *Culture*, dando pela primeira vez sua definição. Tylor (1871, p.1, apud LARAIA, 2001, p. 25) diz que "tomado em seu amplo sentido etnográfico é este todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade". Nesse sentido, essa definição abrange todas as realizações humanas.

A partir da definição de Tylor, seguiram-se os estudos sobre o conceito de cultura, e Alfred Kroeber, antropólogo americano, também deixou sua contribuição para a ampliação do conceito. O autor defendeu a ideia de que por meio da cultura o homem se distanciou do mundo animal. Como cita Laraia (2004), Kroeber se preocupava em evitar as controvérsias entre o orgânico e cultural. Ele entendia que o ser humano depende de seu lado biológico, para atender as suas necessidades vitais, porém, a forma de atendê-las varia de acordo com a cultura onde o sujeito está inserido; essa variedade faz com que os humanos sejam considerados seres preponderantemente culturais.

Seguindo a análise dos conceitos, Denys Cuche, sociólogo e antropólogo francês, em seu livro *A noção de cultura nas Ciências Sociais*, concorda com a gênese da palavra cultura ligada à língua francesa, vinda do latim que em princípio significava o cuidado dispensado ao campo ou ao gado, mas no fim do século XVIII é usada para designar uma parte da terra cultivada. Cuche se empenhou na busca pela origem do termo cultura, trazendo em seu livro escritos do século XVIII, onde o termo *cultura* em seu sentido figurado aparece no Dicionário da Academia Francesa (1718), quase sempre seguido de complemento: "cultura das artes", "cultura das letras". Posteriormente a cultura se liberta dos complementos e é empregada para designar "formação", "educação" do espírito. Em seguida passa de cultura como ação, para cultura como estado, sendo consagrado pelo Dicionário da Academia (1798) como estado do indivíduo "que tem cultura", até caminhar para a definição de "civilização" na língua francesa.

Outro ponto relevante que o autor reflete em seu livro é a relação da cultura com a identidade. Segundo Cuche (1999), na visão da Psicologia Social, a identidade serve como instrumento para pensar o psicológico e social em um indivíduo, e permite que o sujeito se situe em um sistema social e seja localizado socialmente. Trata-se de identificação, de ver um estilo de vida ou uma ideia condizente consigo. Deste modo, o autor afirma que "[...] A

identidade repousa então em um sentimento de ‘fazer parte’ de certa forma inato” (CUCHE, 1999. p. 179).

Assim, conhecendo algumas das amplas abordagens sobre identidade cultural, é consenso que é uma construção social forjada no interior de contextos sociais, e é produtora de efeitos sociais concretos. É essa diversidade cultural que diferencia as identidades e outros grupos, outras línguas, outros costumes e todos os elementos culturais que conhecemos.

Podemos entender, a partir dos estudos de cada autor, que a diversidade cultural é essa grande rede que agrega diferentes culturas, cada uma com características únicas, englobando os aspectos citados acima que se diferenciam uns dos outros, porém, conversam entre si por meio das relações sociais, acolhendo então sujeitos que se sentem pertencentes a elas, perpetuando e renovando essa produção humana pelos diferentes tempos histórico-sociais.

Portanto, se faz necessário que conheçamos alguns desses estudos voltados à cultura, pois como apresentamos sobre a sua conceituação, há vários campos que estudam a temática e não há apenas uma forma de pensar a sua origem e o que lhe caracteriza. Para chegar ao entendimento que temos hoje sobre sua definição e a compreendermos como toda produção humana: crenças, leis, normas, costumes, dentre outros aspectos que se diferenciam, nos diversos contextos sociais e geográficos que resulta na diversidade cultural, é preciso explicar sobre sua origem e os outros significados aos quais a essa palavra foi atribuída ao longo do tempo e os processos sociais que acarretaram mudanças e dando-lhe novos focos e sentidos.

Diversidade Cultural e Formação de Professores no Curso de Pedagogia da UFAM: quais os desafios e possibilidades do/no trabalho docente?

A formação de pedagogos no Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Amazonas – UFAM, relacionada ao currículo de 2008/2 possui uma previsão de conclusão em 05 (cinco) anos, contemplando um total de 10 períodos, habilitando o formando para a Educação Infantil, os Anos Iniciais e a Gestão Escolar. Durante esse período, o discente deve passar por muitas experiências de aprendizagem, para o seu futuro exercício da profissão, percebamos então, quão vasto são os conhecimentos socializados ao longo do processo de tornar-se professor. À luz da Diversidade Cultural, é possível a reflexão do contexto amazônico e da formação crítica de pessoas é possível pensarmos, inclusive, o que pode representar desafios e possibilidades do e no trabalho do professor universitário para e na formação dos futuros professores da Educação Básica.

Diante do compromisso de pensar a formação de professores, percebemos o quanto se faz essencial, antes de tudo, refletirmos o quanto formar pessoas é um processo complexo, por vezes árduo por envolver sentimentos, condutas, crenças etc. E, frente ao exposto é que nos voltamos ao desafio de pensar a constituição do educador com a consciência de quão imensurável é a satisfação deste em ver seu o progresso refletindo e impulsionando o desenvolvimento do seu aluno, seja na escola ou nas demais áreas de atuação humana.

Historicamente, sabe-se que a profissão de professor tem passado por muitas mudanças ao longo da história e, certamente, o lecionar que conhecemos hoje não se compara com o lecionar de décadas atrás dadas inúmeras transformações sociais e culturais ocorridas no mundo e com as pessoas. E o professor, com sua atuação singular e indispensável no processo de ensino, também vêm se inteirando constantemente dessas mudanças, para prosseguir na tarefa de formar cidadãos críticos, empáticos e conhecedores de seus direitos e deveres coletivos e individuais. Como o respeito à diferença, valorização das diversas culturas existente em seu meio, liberdade de expressão dentre outros importantes aspectos da pluralidade que compõe a à vida em sociedade.

As mudanças culturais são constantes na humanidade, e nos tempos atuais, a escola tem aberto espaço para debates, de questões que antes eram pouco, ou não eram discutidas nesse ambiente, e que acaba por refletir na vida coletiva. Diante desse fato, sob a ótica da Diversidade Cultural, para chegar à sala de aula uma discussão rica, que possa propiciar reflexões e até mesmo mudanças sociais positivas, o educador, no seu processo de formação, precisa de debates, discussões e reflexões significativas que forjarão a sua prática, contando também com políticas públicas voltadas para a diversidade, os instrumentos necessários no campo formativo para que se possa desempenhar esse trabalho, entre outros aspectos que se façam necessários de acordo com cada contexto educativo.

Como reflete Antônio Moreira (2011) em seu texto denominado “*Os professores como intelectuais transformadores*”⁸, precisam de uma visão lúcida, do potencial transformador de sua profissão, e as restrições que a percorrem que não podem ser esquecidas e ou minimizadas. É imprescindível que o professor, durante a sua formação seja capacitado para que em seu trabalho, possa compreender o universo cultural do aluno e juntos possam dedicar-se sobre os desafios apresentados pelo mundo, na busca por superá-los e produzirem novos saberes (MOREIRA, 2011). E para auxiliar o futuro educador, nessa tarefa de enfrentar

⁸ Artigo: *A formação de professores e o aluno das camadas populares: subsídios para debate*. No livro: *Formação de Professores: pensar e fazer*. (Localizado nas referências)

e superar os desafios postos, é necessário refletir sobre o curso e seu currículo, como buscaremos apresentar ao longo deste estudo.

Começamos então a considerar o ingresso no Curso de Pedagogia, como ponto de partida, no que se refere à formação de pedagogos que podem atuar nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, e o que vem a representar essa nova jornada na vida do discente. Para isso, buscamos as reflexões e análises de quatro docentes da graduação do curso de Pedagogia – UFAM para entender como se dá o outro lado: o de formar futuros educadores. Destacaremos a seguir, na busca de tentar compreender as implicações do/no trabalho docente no que tange à diversidade cultural, as considerações apuradas sobre a temática deste estudo.

Ao destacarmos a questão inicial – **1. Partindo da sua experiência docente: quais possibilidades e desafios são mais evidentes quando você vincula o estudo das suas disciplinas com a temática da diversidade cultural?** - que considera a experiência docente na graduação, e por consequência a formação dos pedagogos, conseguimos observar importantes aspectos nas falas dos professores entrevistados que elencaram algumas dificuldades e possibilidades a partir da sua realidade:

“Uma das dificuldades que eu sinto quando trabalho com as disciplinas que são da minha responsabilidade no meu departamento, DTF, eu trabalho com Sociologia I e II e Antropologia da Educação, é justamente essa dificuldade que os alunos têm, logo no início da graduação, principalmente no primeiro e no segundo período, de acompanharem as leituras (mesmo que sejam textos simples, a priori, depois que vai se complexificando) talvez por uma falta de hábito. E isso é uma fragilidade da nossa Educação Básica, com algumas exceções. Então, a primeira dificuldade é essa, uma questão mais pragmática, existem alunos que não conseguem acompanhar as leituras, portanto os debates ficam muito restritos ao achismo e não a um conhecimento” (Professor Amazonas)

Podemos observar, no depoimento acima, que o Professor Amazonas⁹, destaca a Educação Básica como um fator que possui influência inicial na forma de estudar e assimilar os novos exercícios intelectuais do aluno universitário, no que diz respeito aos hábitos de leitura e pesquisa, no sentido de buscar informações verídicas e fundamentadas em estudos científicos que pretendem empreender. Nesse sentido, é necessária a reflexão sobre uma das questões que se mostra pertinente no Curso de Pedagogia - UFAM: As escolas também têm se preocupado com a formação de leitores críticos e pesquisadores, uma vez que esses dois aspectos se colocam como essenciais na dinâmica, no percurso universitário ou têm

⁹ Para preservar a identidade dos participantes da pesquisa optamos por essa nomenclatura, afim de diferenciar as falas de cada professor que são quatro: Amazonas, Pará, Acre e Roraima.

concentrado esforços para que seus alunos apenas tenham condições de ingressar diretamente no mercado de trabalho?

Sabemos da importância da escola na formação dos sujeitos e sua contribuição significativa na transformação da sociedade, no sentido de dar condições para que os educandos tenham direito ao exercício da cidadania e mais oportunidades para que mudem para melhor, seus contextos individuais e coletivos de vida. Diante desse fato, a qualidade educacional é primordial para que, ao adentrar na universidade, o aluno não sinta uma lacuna entre o modo de estudar no nível superior em comparação com a Educação Básica, ou se sinta inferior ou incapaz de responder às novas demandas, por não ter sido estimulado ao hábito da leitura crítica e pesquisa. Desse modo, destaca-se a importância da escola no processo formativo do aluno, como espaço que promove a formação cultural e científica, como destacam Libâneo, Oliveira e Tochi (2012, p.49):

A escola necessária para fazer frente a essas realidades é a que provê formação cultural e científica, que possibilita o contato dos alunos com cultura, aquela cultura provida pela ciência, pela técnica, pela linguagem, pela estética, pela ética. Especialmente, uma escola de qualidade é aquela que inclui, uma escola contra a exclusão econômica, política, cultural, pedagógica.

Libâneo (2011), escritor e pesquisador da Educação, traz essa ideia de forma inteligível ao evidenciar a formação cultural e científica se unindo contra a exclusão nos diversos âmbitos sociais. Assim, podemos depreender que a dificuldade apontada pelo professor que vem da Educação Básica, pode ser superada se as escolas estiverem imbuídas, em proporcionar uma educação que prepare o aluno para o exercício da cidadania, aptidão para o trabalho e também para seguir uma carreira acadêmica, promovendo então os hábitos como leitura crítica, pesquisas fundamentadas e debate das percepções e análises feitas pelos alunos, tornando essas práticas comuns em seu cotidiano de estudos, em qualquer nível de ensino.

Seguindo as análises, outro ponto salientado pelo professor, como algo que representa uma dificuldade no processo de ensino-aprendizagem, em torno das questões da diversidade cultural, está relacionado à estrutura do Curso de Pedagogia no que se refere às disciplinas e carga horária. Vejamos:

“A segunda dificuldade é dentro da UFAM, da estrutura do Curso de Pedagogia. Por quê? O aluno entra sem aquele hábito verdadeiramente de estudar, então ele vai ter que se apropriar de um hábito (porque ele pensa que sabe estudar), e descobre no início da faculdade que tem dificuldades nesse processo e ainda, ele tem que se desdobrar em atender outras demandas de outras disciplinas, acaba

que eles selecionam algumas disciplinas para se dedicarem a mais e negligenciam outras, então isso é outro desafio, que é mais no ponto de vista estrutural no Curso de Pedagogia da UFAM” (Professor Amazonas)

As disciplinas na Faculdade de Educação/UFAM podem ser ofertadas de duas formas: uma vez por semana em quatro horas de aula, ou duas vezes por semana em duas horas de aula. Essa pauta tende a gerar opiniões divergentes entre os discentes pois, de um lado temos o grupo que opta por aulas de quatro horas, em razão de ter um tempo maior de aprendizagem, e do outro, o grupo que opta por aulas de duas horas, visto que uma vez na semana estende o tempo entre a próxima aula.

No início da graduação há onze disciplinas de teorias e fundamentos divididas em dois períodos, do eixo 1: Fundamentos de Ciências Humanas, Sociais e da Educação, do Projeto Pedagógico 2008/2 do Curso de Pedagogia/UFAM; elas são: Filosofia da Educação I, Antropologia e Educação, Sociologia da Educação I, Metodologia do Trabalho Científico História da Educação I, Filosofia da Educação II, Sociologia da Educação II, História da Educação II, Psicologia da Educação I, Psicologia da Educação II e Língua Portuguesa, Tais disciplinas exigem do discente se debruçar em leituras, fichamentos e demais práticas de internalização dos conceitos chaves de cada texto, o que pode acarretar ao aluno um déficit de aprendizagem inicial, pelas dificuldades apresentadas.

Por isso, Gomes, Silva e Petronilha (2011), no capítulo “*O desafio da Diversidade*” afirmam que a formação do professor é um processo contínuo, seja nas diferentes fases do ponto de vista curricular, do curso e no exercício do trabalho, sendo então princípios comuns independentemente do nível de formação. De fato, as exigências são maiores no nível superior e no início da jornada acadêmica o novo discente pode se deparar com uma realidade diferente de seu ensino básico, mas elas podem e são superadas ao longo do tempo. Ao decorrer do curso os discentes se adaptam às formas dos estudos universitários e conseguem melhorar sua caminhada acadêmica, a partir do contínuo hábito da leitura, pesquisas, debates conceituais e produção do conhecimento científico, de modo geral.

Devemos lembrar que o professor que está compromissado com sua prática estará constantemente pesquisando sobre conhecimentos, metodologias e temáticas que precisam ser debatidas no ambiente da escola, como a diversidade cultural neste caso. Portanto, o hábito da leitura e da pesquisa permeará sua vida durante o exercício da profissão, pois, como afirma as Diretrizes para o Curso de Pedagogia “O professor é agente de (re)educação das relações sociais e étnico-raciais, de redimensionamentos das funções pedagógicas e de gestão da

escola.” (BRASIL, 2005, p.12), portanto, é um sujeito ativo no processo educativo com capacidade de produzir e ampliar conhecimentos e de transformar realidades.

No entanto, afirma Filho (2014) que formar professores requer competências e sensibilidades distintas das dos pesquisadores, pois um *bom pesquisador*¹⁰ é formado para a competição no seu meio, mas, do outro lado, o *bom professor* não precisa dessa característica competitiva. O pesquisador, por exemplo, está em busca do desconhecido e de tentar desvendá-lo e o bom professor necessita de paciência e disponibilidade, para ensinar ao seu aluno o que já sabe, por essa razão é que nem sempre os melhores pesquisadores são os melhores professores.

Mesmo não sendo uma via de regra, é notório que o professor, sobretudo, pelas exigências de sua profissão, necessita estabelecer estreita relação com as atividades de pesquisa e leitura, para ampliar o que já conhece e melhorar sua atuação, visto que para articular e mediar os diversos saberes que envolvem sociedades, culturas e saberes em constante transformações, é preciso domínio dessas técnicas.

A temática da Diversidade Cultural, por vez, tem ganhado proporções mais amplas dentro da universidade e sendo este um fator consideravelmente positivo, destacamos Furlani¹¹ (2006, apud MORAES; PEREIRA, 2014 p. 121) por salientar que para além de incluir a temática na formação docente, são necessárias ações mais concretas, isto significa que, por meio das explicitações, como as desigualdades sociais geradas a partir da diversidade, os educadores em formação passem a fazer questionamentos em torno das hegemonias, da moralidade, e todos os padrões que tendem a rejeitar ou por como indesejável aquilo ou aquele que é diferente.

De acordo ainda com as análises dos depoimentos coletados, outro ponto levantado pelo professor evidencia certa dificuldade no trabalho com a diversidade cultural como é possível a seguir:

“O que se desdobra disso, que é um outro desafio, que somando a falta de experiência de estudo, pra se esforçar, pra desenvolver discursos e pensamentos mais críticos que a disciplina que eu trabalho leva a pensar de uma forma mais crítica, ou pelo menos deveria, somada a essa carga metodológica e teórica que é imposta aos alunos, acaba que fragiliza na compreensão do que são os conceitos trabalhados nas disciplinas, e aqui o objeto é essa questão da diversidade cultural,

¹⁰ Termos destacados nas conceituações trazidas por Luciano Mendes de Farias Filho no capítulo *A Universidade e a formação de professores: uma discussão necessária* do livro *Formação de professores(as) e condição docente* (vide referências).

¹¹ FURLANI, J. Sexos, sexualidade e gênero: monstruosidades no currículo da educação sexual. Educação em Revista., V. 46, dez. 2006.

que é algo muito complexo, que exige uma leitura e um olhar muito sutil, muito sofisticado pra você compreender os detalhes dessas relações e das produções dos elementos culturais que constituem a nossa cultura ou as nossas culturas”
(Professor Amazonas)

Como destaca o professor Amazonas, a compreensão dos conceitos trabalhados nas disciplinas, sobretudo, os conceitos que englobam a(s) cultura(s) e a(s) sua(s) diversidade(s) acabam ficando fragilizadas, por essa ausência de leitura crítica e analítica. O que torna os debates acadêmicos iniciais reduzidos e, arriscamos dizer, superficiais, dificultando o aprofundamento dos conhecimentos, a formulação de questionamentos no momento de socialização que poderiam surgir.

É indispensável ressaltar que, essas realidades colocadas não buscam apontar o discente como culpado pela limitação inicial das discussões acadêmicas, pois como o próprio entrevistado citou em sua fala, é uma fragilidade que vem da educação escolar. Por experiência, sentimos a mesma dificuldade, uma vez que vivenciamos os dois níveis da Educação Básica em escolas públicas e, atualmente (2022) com o trabalho de reforço escolar direcionado para crianças que estudam em escolas particulares, percebemos que de fato, há uma acentuada diferença metodológica e didática entre os seguimentos mencionados.

Mesmo tendo que enfrentar essa realidade no decorrer do curso, o aluno tem a oportunidade de mudar esse panorama e se tornar um professor pesquisador, conhecedor dos conceitos e com a criticidade necessária diante da realidade social. Que se coloca, por meio dos estudos contínuos buscando formas de avançar em sua prática e aprimorar o seu ambiente educativo.

Nas Diretrizes Curriculares para o Curso de Pedagogia (BRASIL, 2005), por exemplo, que dispõe de diversas orientações, há um tópico intitulado “*Perfil do Licenciado em Pedagogia*”, que leva em conta algumas considerações, na busca de tentar traçar um perfil do egresso, elencando vários pontos que o constitui, um desses é “Demonstrar consciência da diversidade, respeitando as diferenças de natureza ambiental-ecológica, étnico-racial, de gêneros, faixas geracionais, econômicas, culturais, religiosas, políticas e outras” (BRASIL, 2005, p. 12).

Diante desse indicativo, se o professor possui um perfil que pode ser seguido, este pode e deve ser forjado ao longo da trajetória acadêmica, pois no Curso de Pedagogia da UFAM os discentes dispõem de diversas atividades obrigatórias e extracurriculares, que trabalham sobre a formação do professor e à exemplo disso temos as oficinas, os seminários, os simpósios e as palestras com diferentes temáticas que podem enriquecer os seus

conhecimentos, como: Educação Inclusiva, Direitos Humanos, Diversidade Cultural, Metodologias de Ensino, Base Nacional Comum Curricular, dentre outras.

Reportando-nos ainda à primeira pergunta feita aos participantes, o professor Pará destacou as possibilidades que sua disciplina oferece para com o trabalho das questões que envolvem a diversidade cultural, sobretudo, a valorização das culturas amazônicas:

“Sou responsável pelas disciplinas de Conteúdo e Metodologia do Ensino de Ciências e Matemática na FACED. Tais disciplinas me permitem trabalhar com a diversidade cultural por meio da sugestão de atividades, música (em especial, as toadas de boi), literatura regional, ou ainda a visita e planejamento de aulas práticas em espaços não formais amazônicos. Inclusive, no último semestre, escutei dos estudantes que eles tinham pouco contato com conteúdos que dialogassem com esse aspecto cultural/regional. Sendo assim, em minha prática, tenho buscado inserir e exigir questões de planejamento que se articulem ao nosso cotidiano e especificidades da cultura do homem do Norte.” (Professor Pará)

Como podemos observar, o trabalho transversal possibilita que disciplinas como a Matemática (que dá ênfase aos numerais e às resoluções de problemas específicos desta área do conhecimento) possam agregar aspectos culturais importantes em seus estudos, através dos conceitos e métodos próprios, utilizados por grupos culturais distintos, o que pode tornar a prática educativa ainda mais instigante para os alunos, desvencilhando-os do óbvio e das ações por vezes engessadas que impedem a dinamicidade na aprendizagem.

Tal postura, requer também do professor, sensibilidade principalmente na relação entre cultura e área exata, se a pretensão é alcançar uma aula diversificada com produtiva geração de conhecimentos. Pode ser desafiador pensar em dialogar com essas duas temáticas. Tendo em vista essa realidade, Gomes, Silva e Petronilha, nos faz atentar para a seguinte reflexão:

O desafio do campo da didática e da formação dos professores no que se refere à diversidade é pensa-la na sua dinâmica e articulação com os processos educativos escolares e não escolares e não transformá-la em metodologias e técnicas de ensino para os ditos “diferentes”. (GOMES; SILVA; PETRONILHA, 2011, p. 16).

Ao decorrer da graduação no Curso de Pedagogia, somos levados com frequência a refletir sobre práticas que sejam significativas, a ponto de que os conhecimentos trabalhados se relacionem com o cotidiano de cada aluno, para que as aprendizagens não se tornem apenas memorização de conteúdos. Entretanto, sejam instrumentos capazes de gerar mudanças na vida dos educandos, pois há o entendimento de que para além do espaço formal de educação, todos estamos inseridos em outros espaços que nos influenciam e também nos educam como,

por exemplo: os templos religiosos, o seio familiar, grupo de amigos, entre outros. Entendemos essa reflexão como necessária a todos, enquanto educadores em formação nos distanciamos da errônea ideia de que as questões acerca da diversidade são de competência exclusiva das disciplinas e não somente da área de Ciências Humanas.

A transversalidade, mais uma vez, enquanto proposta na educação, traz essa possibilidade ao trabalho docente para que possamos enriquecer nossas práticas e estabelecer relações com novos contextos sociais e culturais, possibilitando assim que o processo educativo tenha cada vez mais sentido e seja capaz de gerar mudanças positivas na educação de cada aluno em todas as áreas do conhecimento.

No relato do Professor Acre, portanto, podemos ver os destaques sobre as potencialidades que as disciplinas que ministra na abertura do debate sobre a diversidade cultural em sua aula:

“As possibilidades são muitas, uma vez que, as disciplinas que geralmente ministro estão alocadas no que denominamos no currículo de eixo da diversidade, a saber: Educação Indígena – I, Educação na Região Amazônica, Educação de Jovens e Adultos (a qual ministrei uma vez). Nelas, a bibliografia tanto a básica como a complementar, nos permite trabalhar o tema de forma direta apontando reflexões que estão presentes nos aspectos conceituais e práticos trabalhados. Então eu diria que uma das grandes potencialidades dessas disciplinas é a possibilidade de abordar esses temas enquanto objeto de estudo”. (**Professor Acre**)

O currículo de 2008/2¹² do Curso de Pedagogia, citado anteriormente, contém em seu desenho as disciplinas: Educação Indígena e Educação na Região Amazônica, que permitem nos aproximarmos mais dos estudos voltados especificamente aos aspectos culturais da região Norte. São disciplinas que abrem portas para um mergulho no processo educativo, dos povos ribeirinhos, indígenas e outros grupos tradicionais, que vivem nesse diferenciado espaço geográfico.

Essa aproximação, portanto, além de importante é necessária, para que possamos em práticas futuras, nos encontrar com alunos pertencentes a esses distintos grupos culturais e que nos desafiarão invariavelmente, a lidar com suas especificidades escolares. Dito isso, demandarão, posturas intelectuais e metodológicas de nossa parte para que atendam suas

¹² Ativo até o ano de 2022; no entanto, há um novo currículo do Curso de Pedagogia – UFAM: 2019/1 para os novos discentes.

necessidades de aprendizagem. Como coloca Souza (2014, p. 224) em “*Os profissionais do ensino como mediadores das culturas na escola*”:

Pois, uma coisa é ter uma escola para públicos já predispostos à escolarização e na qual ficam aqueles que se adaptam aos seus rituais e sobrevivem às suas exigências. Coisa muito distinta é ter uma escola para todos, não apenas no discurso, mas numa prática cotidiana que não apenas dê conta do jogo das diferenças, mas que assegure aos desiguais as mesmas condições de percurso.

Podemos compreender então, que o professor, importante mediador no processo de construção do conhecimento com seus alunos, necessita ter requisitos intelectuais e metodológicos que devem ser desenvolvidos em grande parte ao longo de sua formação para assegurar entre os educandos, na direção da Educação Básica, as mesmas condições de trajetória escolar, e que as diferenças não devem segregar e sim agregar e potencializar os saberes advindos desses diversos coletivos.

Na formação superior, especificamente no Curso de Pedagogia, é que passamos a entender melhor e mais aprofundadamente a escola como o “*Aparelho ideológico do Estado* de Louis Althusser”, isto é, pode ser usada como meio para manter relações de poder e reforçar as desigualdades. No entanto, a prática do professor pode ir contra tal ideologia que se mostra excludente e ser imbuída pelo pensamento de mudança dessa realidade à medida que vá transformando a sala de aula num espaço possível para o diálogo entre os diferentes, onde as suas peculiaridades culturais sejam verdadeiramente respeitadas possibilitando assim que novos conhecimentos sejam gerados.

Percebemos, por fim, que as dificuldades em torno dessa questão que se mostra crucial nos tempos atuais estão e, provavelmente, continuarão presentes tanto no trabalho docente e no percurso trilhado pelos discentes, mas é necessário que todos estejam dispostos a superá-las lançando-se à riqueza do encontro, às trocas de experiências - frutos de cada universo cultural e tornando cada vez mais enriquecedor o aprender.

O currículo como instrumento de afirmação e fortalecimento das discussões sobre a diversidade cultural no Curso de Pedagogia – UFAM

Pensar na construção do currículo é, sem dúvidas, refletir sobre qual sujeito se quer formar, que conhecimentos ele precisa apreender para se posicionar criticamente frente à dinâmica social e saber fazer uma análise fundamentada da vida cotidiana. Quais bases metodológicas, que didáticas são necessárias para que no exercício da profissão ele possa desenvolver uma boa prática? Essas e outras questões, sem dúvida, são que mais se

relacionam com o sentimento de satisfação almejado na formação do profissional pedagogo e com que se pretende atender as demandas educacionais brasileira. Mas como atingi-lo?

No conjunto dessas reflexões ainda inserimos: O que sabemos sobre currículo? Afinal, existem currículos para diversas necessidades. Faremos uma breve explanação sobre o seu significado e concepções direcionando especificamente ao do Curso de Pedagogia, um dos focos deste estudo.

No livro “*Currículo e práticas pedagógicas*”, Gonzaga (2006) explica que a origem desta palavra, que vem do latim (*curriculum*) significa curso, rota, caminho da vida ou das atividades humanas em grupo ou individuais. O autor destaca que os primeiros estudos norte-americanos acerca do currículo eram influenciados pelo modelo tecnicista com bases no controle e eficiência social. E no Brasil, na década de 70, foi adotado como fundamento teórico para a organização curricular. Sacristán¹³ traz uma concepção de currículo partindo do ponto de vista tradicional:

O currículo aparece como o conjunto de objetivos de aprendizagem selecionados que devem dar lugar à criação de experiências apropriadas que tenham efeitos cumulativos avaliáveis, de modo que se possa manter o sistema numa revisão constante, para que nele operem as oportunas recomendações (SACRISTÁN, 2000, p. 46 apud GHEDIN; GONZAGA; BORGES, 2006, p. 89).

Ao longo do tempo o currículo recebeu novos olhares e concepções, teorias que justificam sua condição, novas formas para novos objetivos, desse modo as mudanças ocorreram. Assim, vemos que há diferença no currículo de acordo com sua base teórica e que é importante (re)conhecer, mesmo que brevemente, cada uma delas para entender suas diferenças e finalidades e no que podem interferir quando a respeito da formação de professores:

***Teorias tradicionais:** destacam o aspecto tecnicista, valorizando o planejamento e a organização de forma bem definida para atingir os objetivos estabelecidos pela educação, e se destinam a atender o setor econômico e suas demandas (ROCHA; GONZAGA, 2006). O currículo baseado nessa teoria não é orgânico, isto é, não permite mudanças relacionadas à formação crítica dos educandos, pois sua missão é dar resultados positivos para a economia, as mudanças que podem ocorrer visam favorecer esse segmento, com ênfase na qualificação do aluno para suprir essas necessidades.

¹³ SACRISTÁN, J. G. O currículo: uma reflexão sobre a prática. 3 ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

***Teorias críticas:** surgem em decorrência das transformações na década de 60, questionamentos sobre o tipo de educação ofertada pela Pedagogia Tradicional, fazendo surgir então na década seguinte vários movimentos, a nível internacional, críticos ao sistema educacional tradicional (ROCHA; GONZAGA, 2006). Essa teoria define os primeiros passos rumo à superação do modelo tradicionalista, que por sua vez, teve como sucessor uma nova concepção para repensar o currículo.

***Teorias pós-críticas:** refletem muito mais além das desigualdades sociais no âmbito econômico, elas vêm refletir também sobre outras questões como gênero, raça, etnia e sexualidade, que ganharam notoriedade com o movimento do multiculturalismo que pensa o currículo como questionador dos processos de construção das diferenças e sua produção, partindo das relações desiguais (ROCHA; GONZAGA, 2006). Percebemos que esse currículo considera mais a questão da subjetividade, as individualidades, as minorias que no princípio, com o pensamento tradicional, não tinham voz e, a partir dos movimentos e das revoluções foram ganhando espaço dentro da educação tendo participação na construção dessa nova forma de elaborar o currículo.

Para a realidade que temos atualmente, portanto, a elaboração do currículo deve se dar em torno de reflexões sobre as demandas sociais, educacionais e políticas, visto que a educação não é uma prática neutra e isolada. “As influências políticas sobre o currículo são mais do que nunca evidentes. Como exemplo podemos citar a forma como se destacam nos países em que há forte ideologia política dominante”. (GONZAGA, 2006, p. 91).

Tendo conhecimento dessa influência, é importante pensar acerca de qual concepção o currículo se baseia, levando em consideração que esse documento é um instrumento vivo, flexível, mas passivo também de ser usado como um mecanismo que atenda interesses maiores, que não condizem com a educação libertadora e crítica.

Ao retomar algumas ideias acerca do currículo e sua construção relacionando com a questão da diversidade cultural e formação de professores no Curso de Pedagogia - UFAM direcionamos uma nova questão aos participantes: **2. De acordo com a grade curricular (2008/2) do Curso de Pedagogia: você considera suficiente a quantidade de disciplinas que abordam a temática da diversidade cultural? Discorra brevemente.** - Tal questionamento considera alguns fatores importantes, como a concepção de currículo pelos professores e quantidade/qualidade das disciplinas ofertadas. Conseguimos, nas narrativas dos docentes, observar colocações relevantes:

“Estou em processo de conhecimento da matriz curricular do curso, mas acredito que a temática deve atravessar às diferentes disciplinas que compõe a formação do pedagogo. Não acredito que a quantidade de disciplinas seja o problema, mas sim, a ausência de pertencimento cultural dos próprios docentes, pois não é muito difícil, inserir questões culturais em nossas aulas, uma vez que respiramos cultura. É questão de planejar e se perceber parte de uma cultura que precisa ser valorizada, a começar por nós – professores formadores.” (Professor Pará)

O professor levanta um aspecto importante, que leva a reflexão sobre o pertencimento cultural pelos próprios docentes: será que a *ausência de pertencimento*, pode estar de algum modo relacionada às poucas discussões sobre a diversidade, sobretudo, em algumas disciplinas que não são das Ciências Humanas? Segundo a visão do docente Pará, é possível inserir tais questões em diferentes disciplinas desde que haja planejamento e percepção de si como parte dessa rede cultural a que estamos nos referindo. A literatura nos informa que:

Os temas transversais, que constituem o centro das atuais preocupações sociais, devem ser o eixo de torno do qual deve girar a temática das áreas curriculares, que adquirem assim, tanto para o corpo docente como para os alunos, o valor de instrumentos necessários para a obtenção de finalidades desejadas. (BUSQUETS, 2003, p. 37 apud ROCHA; GONZAGA, 2006, p. 163).

Para Busquets¹⁴ (2003), melhor dizendo, os temas transversais, dentre eles a diversidade cultural, são os eixos da educação e as disciplinas tradicionais é que devem atravessá-los ou ainda serem organizadas a partir desses temas, por serem esses os conteúdos significativos para a realidade que temos diversificada, que necessita de estudos e reflexões de modo contínuo.

Por essa razão destacamos ainda a importância da capacitação do profissional – professor - dentre outras características e habilidades que ele deve possuir/construir no âmbito da escola e na sua profissão visando ampliar com constância os conhecimentos relativos à diversidade cultural. Capellini e Macena (2018, p 167) ressaltam que:

Nesse ponto reitera-se a importância do envolvimento, autonomia e capacitação dos professores e atores presentes no cenário escolar, para que a diversidade cultural represente um tema com menos entraves e, principalmente, seja encarada como força motriz no desenvolvimento de estratégias pedagógicas e de convívio social na prática de currículos que colaborem ativamente para uma educação considerada inclusiva, que resulte na formação de sujeitos críticos.

¹⁴ BUSQUETS, M. D et al. **Temas transversais em Educação: Bases para uma formação integral**. Tradução: Cláudia Schilling. 6. ed. 5. imp. São Paulo: Ática, 2003. (Série Fundamentos)

Não há dúvidas, como já mencionamos, sobre a pertinência dos referidos temas no cenário atual, o que legitima os olhares e as análises críticas feitas pelos estudiosos e pesquisadores, porém, nota-se também que mesmo com toda essa relevância, eles ainda não são tão expressivos nas aulas e em algumas disciplinas como deveriam ser, são pontuais os momentos em que realmente são trazidos para o campo das discussões em sala de aula. Tal constatação evidencia a necessidade de direcionar um olhar mais sensível à temática da diversidade cultural, tanto por parte dos professores, que devem promover os diálogos no âmbito das disciplinas que ministram, mas também dos alunos que devem se lançar ao exercício do encontro, da escuta abrindo-se às possibilidades de aprendizagens sobre e com o outro. O professor Amazonas, faz observações acerca das nomenclaturas que o currículo recebe para adentrar à discussão sobre a quantidade de disciplinas que tratam a diversidade cultural e menciona em sua fala o que vimos também com Busquets (2003) a respeito da transversalidade:

“Eu acho que a gente tem que desconstruir a ideia de grade, o currículo, elementos curriculares que compõe o documento, até o termo grade é algo que a gente tem que criticar porque esse termo dá a ideia de que o currículo é algo fechado, prisão, na verdade não é. É um documento flexível, dinâmico, vivo, orgânico, pelo ou menos é o que deveria ser, agora talvez as práticas são de grade mesmo.” (Professor Amazonas)

Vejamos quão interessante se faz a colocação acima, pela interpretação feita pelo sujeito e sensibilidade direcionada às ideologias que se colocam por trás de uma nomenclatura. Ao elaborar a pergunta com o termo *grade*, o que também queríamos observar era o quê esse termo despertaria nos entrevistados, quais reflexões surgiriam e, nos depoimentos, suas inquietações são notoriamente percebidas. A questão sobre os nomes dados ao currículo, portanto, é ainda alvo de estudos e debates e continua incitando reflexões importantes no sentido das mudanças, do que ainda permanece engessado, do que é flexível e assim por diante. Não nos aprofundaremos nesse quesito pelo foco que ainda daremos aos outros assuntos que compõem o trabalho, mas consideramos fundamental continuar voltando nossas atenções sempre que possível ao(s) nome(s) dado(s) ao referido documento, uma vez que através deles muito pode ser dito, especialmente sobre as bases ideológicas que (e de quem) o apoiam.

A nosso ver então, é necessário romper com as ações que insistem no enrijecimento do currículo e ao mesmo tempo impulsionar a dinamicidade e a democracia nos momentos de

sua projeção e concretização tornando-o aberto às mudanças e sugestões onde seja ainda mais viável a inserção da(s) pluralidade(s) e de seus conteúdos.

Seguindo suas considerações acerca do currículo do curso de Pedagogia – UFAM e as disciplinas ofertadas, o professor Amazonas endossa:

“[...] talvez possa até ter disciplinas a questão é como elas são trabalhadas, como elas são refletidas e por quem elas são pensadas e refletidas no caso [...] sim, a Faculdade de Educação tem tanto disciplinas obrigatórias como optativas que proporcionam esse debate, no entanto a minha crítica é no formato de disciplina, embora tenhamos, e eu defendo a ideia de ter disciplina sim, mas também deveria ter uma ideia de “transversalizar” os debates e os conhecimentos, independente das disciplinas na perspectiva de você se entender como amazônida e nesse processo de “amazonização” do eu, tanto como aluno como profissional [...]”
(Professor Amazonas).

Observamos que para o professor o trabalho com a transversalidade é central, uma vez que é possível agir englobando todas as disciplinas tornando a prática do professor integrada, conjunta e não isolada. Essa é uma colocação que se mostra especial tendo em vista que nos diversos debates ocorridos no Curso de Pedagogia o trabalho transversal e interdisciplinar se faz presente e necessário. A afirmativa se fortalece ainda mais se voltamos ao pensamento de Busquets (2003) dialogado anteriormente, onde diz que os temas transversais são os eixos e as disciplinas os atravessam.

Outro apontamento importante feito pelo professor versa sobre quem está direcionando esses debates culturais, como eles são pensados, por quem são e como são trabalhados. O (re)conhecimento nesse sentido se faz importante para que possamos desvendar as minúcias do processo de construção curricular e passemos a compreendê-lo melhor e, como já dissemos, o currículo expressa muito da visão de seus pensadores, assim como as dinâmicas das disciplinas podem apontar para o modo como o professor vê determinadas pautas e como as trabalha.

Desse modo, Arroyo¹⁵ nos convida a refletir sobre o currículo e a função da docência, no sentido de organizar os conhecimentos produzidos pelo ser humano e dar destaque à diversidade de culturas e privilegiá-los com o objetivo de bem ensiná-los e aprendê-los.

Uma das funções mais básicas do currículo é organizar esse acúmulo de saberes produzidos pelo ser humano para entender o mundo, a história, conhecer-se, conhecer-nos, entender-nos. A função da docência será organizar não apenas esses conhecimentos, privilegiá-los para bem ensiná-los e aprendê-los, mas organizar as

¹⁵ Autor de diversas obras na área educacional e professor titular emérito da Faculdade de Educação da UFMG.

memórias das experiências frequentemente extremas, em que foram produzidos. (ARROYO, 2013, p.285).

A crítica feita pelo professor Amazonas, ao modo isolado de como as disciplinas são trabalhadas, sobre quem as pensam e executam conversa diretamente com as reflexões de Arroyo no sentido de enfatizar que os conhecimentos não estão separados, pelo contrário: eles se articulam, são dependentes em algum grau, portanto, podem e devem ser construídos de maneira integrada uns aos outros. Portanto, o currículo da educação, nesse diálogo, deve articular os saberes necessários à prática docente com os conhecimentos para a vida em sociedade que é diversa e está em constante transformação.

Por essa razão, quando pensamos o quanto a diversidade das culturas e suas transformações ao longo da história da humanidade é algo que está intrínseco em cada um de nós, porque somos parte dessa construção social, como educadores, sentimo-nos, ou deveríamos nos sentir, impulsionados a dialogar ainda mais com esses debates para ampliar não só o saber, mas estreitar a relação de pertencimento a essa rede – aqui especificando as culturas amazônicas – aceitar as diferenças e celebrá-las.

O professor Acre, por sua vez, destaca as mudanças positivas para o Curso de Pedagogia – UFAM com a nova matriz curricular (2019/1) e a inserção de uma nova disciplina *Educação, Direitos Humanos e Diversidade* e considera suficiente a quantidade das existentes, entendendo que o currículo não consegue abarcar todas as necessidades da formação de professores:

“Considero suficiente, embora nunca seja demais ter mais algumas... no entanto, o currículo enquanto espaço de disputa não consegue sempre abarcar as inúmeras necessidades formativas. Do currículo de 2008/2 para o de 2019/01 tivemos a inclusão da disciplina Educação e Direitos Humanos, o que é um grande ganho para o curso.” (Professor Acre)

Compreendemos que a disciplina mencionada pelo professor traz a possibilidade de ampliar ainda mais as discussões que consideramos necessárias, como a da diversidade cultural no processo de formação de educadores. Podemos destacar como exemplo o direito e respeito às diferenças e o entendimento anterior sobre quais são os nossos direitos humanos, por que é tão fundamental conhecê-los e quais são suas implicações na sua execução no cotidiano da vida em sociedade e no campo da educação, que é onde a diversidade se encontra e se relaciona com força expressiva também.

A mudança curricular e a inserção dessa disciplina no curso, como a mencionada pelo docente, evidencia também a necessidade apontada pela sociedade de se ter debates voltados às questões de direitos humanos, campo onde a diversidade tem grandes destaques. Na formação do pedagogo assim como no trajeto da educação escolar de modo mais amplo, essa é uma temática que também merece atenção, mas para que haja aprofundamento, mediação e condições de trato com a questão, o profissional/o educador precisa estar preparado intelectual e metodologicamente para conduzir o diálogo e proporcionar aprendizagens significativas e renovadoras para aos alunos na escola e/ou na universidade de modo que também saibam lidar com as diferenças nas dinâmicas da vida social. Sobre a formação sólida do educador, Gatti (2015, p. 232) nos diz que: “[...] Nessa perspectiva, precisamos sim formar solidamente os professores da educação básica, levando em conta conhecimentos construídos no campo da educação e os valores humanitários tão valiosos a uma vida social construtiva.”

A perspectiva que a autora se refere é o que igualmente esperamos que a educação possa proporcionar à sociedade. Gatti (2015) afirma ainda que a visão arcaica sobre o professor e sua formação precisa ser superadas tomando outra visão sobre seu papel nas sociedades contemporâneas frente às diversidades sociais e culturais, o desenvolvimento das ciências e seu papel no mundo atual, as demandas expressas pela população e demandas éticas em direção à justiça social e educacional com relação a todos os segmentos sociais, para uma vida com base na justiça plena.

A professora Roraima, em sua fala, destaca a possibilidade da temática diversidade cultural ser potencializada nas atividades que são desenvolvidas nas disciplinas:

“Penso que o Projeto Pedagógico não consegue dar conta em sua matriz curricular de todas as temáticas, mas essas temáticas podem ser potencializadas nas atividades desenvolvidas nas disciplinas, principalmente nas práticas e estágios” (Professora Roraima)

Comprendemos que, de fato, não há como abarcar tudo que se gostaria e se entende por fundamental no que tange a formação de pedagogos, por essa razão é que existe a formação continuada e atividades na graduação como eventos, projetos e pesquisas: para que os educadores possam dar seguimentos aos seus estudos, aprofundando seus conhecimentos, aprimorando ou inovando suas práticas, articulando-se com os novos saberes e tudo o que envolve a melhoria educacional. No entanto, voltando-se à docência no âmbito do Ensino

Superior no Curso de Pedagogia, a professora destaca como é possível potencializar as temáticas culturais nas atividades desenvolvidas, isto é, na prática formativa.

A prática do professor também é constantemente debatida no processo formativo de pedagogos na Faculdade de Educação da UFAM, principalmente quando esta se relaciona com o campo da escola no sentido de tornar-se inovadora, significativa, apropriando-se de recursos didáticos que promovam efetiva interação e integração entre os educandos, onde o aluno seja sujeito ativo no processo educativo.

Não queremos dizer com isso que o professor é obrigado a ter uma prática A ou B para que sua aula tenha significado ou importância, o que estamos tentando salientar é que o educador inspira, marca a vida dos seus educandos de diversas formas e uma delas é como ele ministra/conduz sua aula, como faz para que as dinâmicas escolhidas façam fluir nossos pensamentos e como torna o processo de ensino-aprendizagem eficaz e significativo.

Gatti (2015, p. 33), nos esclarece bem esse pensamento ao afirmar a forte atuação docente que por meio de suas atividades de ensino promove aprendizagens significativas:

Não há educação sem aprendizagens e estas se constituem mediante algumas condições e algumas maneiras pelas quais as aprendizagens cognitivas, sociais e emocionais vêm a poder se efetivar nas mediações psicossociais. Professores atuam fortemente nesse processo de educação das novas gerações por meio das atividades de ensino.

Filho (2014), nessa direção, afirma que a atuação na formação de professores requer dos docentes formadores o desenvolvimento de situações de ensino-aprendizagem que considerem a realidade escolar em que o futuro profissional da educação atuará se importando com a sorte dos alunos e das famílias que chegam à escola brasileira.

Observamos assim, que nas falas dos professores há um ponto semelhante: a oferta de disciplinas não representa um problema, portanto, a diversidade pode ser trabalhada de várias formas, a depender do planejamento do professor, do modo como ele pensa os conteúdos e como o desenvolvimento de suas atividades pode ser articulado com o debate sobre essa temática.

Finalmente, o currículo não consegue abranger todas as necessidades apontadas pela formação de professores, mas abre possibilidades com o que se tem à disposição. É possível prosseguir pensando e buscando práticas que tornem viáveis os debates sobre os temas culturais, foco de nosso estudo, e que são tão necessários e urgentes na sociedade contemporânea. O currículo, mesmo com suas limitações, pode possibilitar a maior

aproximação entre os educandos e as realidades que marcam a região amazônica e os seus povos tradicionais.

Formação para a diversidade cultural no Curso de Pedagogia num contexto amazônico: práticas do presente que inspiram o futuro.

Nesta seção, refletiremos sobre a prática docente, especificamente no contexto amazônico, por sua caracterização expressivamente plural. O que marca e diferencia essa jornada das outras aqui já discutidas no âmbito da formação de professores são as possíveis influências regionais na atuação futura do novo professor.

Podemos iniciar afirmando que ser professor é um compromisso honroso com o conhecimento, com a formação política, econômica e social com os cidadãos. Nesse sentido, somos formados por diversos professores que nos capacitam para o exercício da profissão de modo que possamos contribuir também para o progresso de outras pessoas em diversas esferas de atuação na sociedade.

O tema da diversidade nesse processo de tornar-se professor revela-se indispensável. É um caminho que se percorre ao lado de muitos outros, que pensam e que são diferentes de nós, outros com os quais aprendemos a conviver (multiculturalidade) e a interagir (interculturalidade) extraindo de cada um os elementos de suas experiências singulares fazendo com que possamos expandir nossas percepções de vida, compreendendo e respeitando as suas especificidades culturais sem deixar de lado as nossas.

Ao vivenciarmos o contexto amazônico, somos ainda mais desafiados a pôr em prática essas ações principalmente por encontrarmos nessa região uma diversidade de culturas interagindo, coexistindo e criando novas culturas de formas bem peculiares. Embora seja de conhecimento da maioria, é importante ressaltar que na região amazônica existe um acentuado número de grupos oriundos de culturas tradicionais como ribeirinhos e indígenas. Populações com costumes, crenças e educação diferenciadas, muitas vezes conhecidas por serem foco de falas pejorativas, que infelizmente ainda pouco reconhecidas pelo poder público e pela sociedade em geral enquanto possuidora de direitos. Marginalização e a exclusão não são apenas palavras que definem as situações em que são colocadas essas populações, elas ainda são ações praticadas, reais. Por consequência dessas ações, muitas pessoas passam a mergulhar no constrangimento ao falar sobre suas origens, motivando ainda mais os seus pensamentos de recusa, desvalorização, não pertencimento, entre outros. Uma situação grave, pois a riqueza da diversidade passa a ser escondida dando lugar à uma uniformidade sem sentido.

Pensando em toda essa diversidade de culturas que se relaciona com a riqueza de conhecimentos, especialmente advindos das culturas tradicionais, dos povos originários e que dão vazão às particularidades próprias à Região Amazônica e como esses grupos precisam de mais atenção e reconhecimento é que construímos essa seção: com o propósito de refletir sobre a prática docente no contexto do curso de Pedagogia – UFAM relacionando-a com as culturas regionais, observando o que os(as) professores(as) destacam como mais significativo em sua atuação docente que possa influenciar positivamente o discente de Pedagogia no exercício futuro da profissão.

Considerando as reflexões mencionadas sobre a diversidade de culturas no contexto amazônico, destacamos aos educadores a terceira e última questão do nosso questionário – **3. *Qual aspecto pode ser destacado por você como mais marcante em sua prática/cotidiano docente, que desperta e incentiva seus/suas alunos/as a continuarem estudando e/ou pesquisando sobre tema(s) que envolvam diversidade cultural, sobretudo, do/no contexto amazônico?*** – Nessa pergunta observamos as subjetividades suscitadas pelos professores e como eles buscam associar a temática às suas aulas.

Vejamos a fala do professor Pará sobre sua prática docente e o contexto regional amazônico na formação de educadores:

“O uso de toadas do boi para o trabalho pedagógico no ensino de ciências e a geometria da vida, por meio do contato com espaços não formais amazônicos, no ensino de matemática.” (Professor Pará)

As toadas de boi¹⁶ representam uma interessante alternativa para se trabalhar os aspectos culturais amazônicos, pois seus versos cantam as histórias, mitos e rituais dos povos indígenas, como também relatam os costumes e modo de vida dos ribeirinhos. É uma forma de conhecer a cultura local por meio da música, em especial as toadas, que fazem parte do maior festival folclórico do Amazonas e que acontece anualmente no município de Parintins e celebra a cultura popular da região.

As aulas nos espaços não formais, em locais onde é possível ter contato maior com o conhecimento das culturas amazônicas, também expressam um momento significativo para os discentes, pois sabemos que muitos cidadãos amazonenses, embora resida na localidade, acabam por não conhecerem pontos turísticos importantes e por essa razão enfrentam

¹⁶ As toadas de boi são canções que retratam os modos de vida, crenças e costumes do povo parintinense, dos povos ribeirinhos e indígenas.

limitações no conhecimento dessas diversidades, como teatros, museus, bibliotecas e parques, à exemplo o Centro Cultural Povos da Amazônia que retrata a história do Amazonas e os aspectos culturais da Região Norte.

Especificamente nós, enquanto educadores em formação, devemos conhecer mais sobre as culturas amazônicas, para que tenhamos propriedade em nossas falas quando trabalharmos com os nossos alunos os aspectos dessa pluralidade, da nossa região. Por isso, quando o docente formador viabiliza formas de ensinar em outros espaços ou por meios artísticos como as músicas regionais, está aproximando seus alunos da cultura local e incentivando-os a conhecerem mais e até mesmo levar essas ideias para a sua atuação profissional futura.

Diante disso, Gomes, Silva e Petronilha (2011, p.17) falam sobre como é importante entender o profissional da educação como sujeito sociocultural, interferindo significativamente em sua formação, vejamos:

[...] uma concepção que entenda o profissional da educação como sujeito sociocultural, ou seja, aquele que atribui sentido e significado à sua existência, a partir de referências pessoais e coletivas, simbólicas e materiais e que se encontra inserido em vários processos socializadores e formadores que extrapolam a instituição escolar. Muitas vezes esses processos apresentam-se como referência e orientação para a prática docente mais do que aqueles que acontecem pela via institucional.

No processo formativo, conhecendo e debatendo sobre as questões culturais, os discentes também terão arcabouço teórico-metodológico para sua prática na educação escolar, podendo romper com pensamentos arcaicos, discriminatórios e preconceituosos que infelizmente são passados de geração em geração, resultando na inferiorização das culturas populares e tradicionais por serem milenares logo, entendidas como algo ultrapassado ou no entendimento de que as pessoas pertencentes a esses grupos possuem pouco conhecimento ou condições de conviver em sociedade, conforme o padrão social imposto.

De acordo com o exposto, Fernandes (2017, p. 190) atenta para a problematização da diversidade cultural, como forma de diminuir o preconceito e estabelecer relações de respeito:

É muito importante que educadores e educadoras problematizem a diversidade étnica e cultural de forma adequada, contribuindo assim para a diminuição do preconceito e para a construção de relações de respeito com os povos indígenas, negros, quilombolas, entre outros grupos etnicamente diferenciados.

Podemos tomar como reflexão então, que a educação para a diversidade cultural além de proporcionar o conhecimento e incentivar relações de identificação, luta contra o

preconceito em tempos onde as relações ainda se mostram desiguais e excludentes e promove a consciência de as diferenças devem ser reconhecidas e respeitadas tornando possível a construção de uma sociedade mais igualitária e justa mesmo a passos lentos.

O professor Acre, assim destaca a importância da diversidade cultural como tema de discussão nos espaços educativos através de suas experiências:

“O aspecto do entusiasmo em apontar as múltiplas possibilidades de pensar a educação a partir da diversidade cultural, principalmente as questões relativas ao contexto amazônico. A possibilidade de mostrar a partir das minhas experiências a importância do tema no contexto educacional nos permitindo pensar a educação escolar em outras perspectivas a partir de novos horizontes.” (Professor Acre)

As experiências de vida, nesse caminho, são sempre uma possibilidade de aproximação dos conhecimentos científicos com as realidades do cotidiano. É importante ter esses relatos no processo de ensino-aprendizagem, pois assim, conseguimos atribuir maior significado aos objetos de estudos, uma vez que podemos associá-los às nossas vivências. Assim, Sousa Santos e Meneses (2010), na obra *“Toda experiência social produz conhecimento”*, afirmam que “Quando os docentes trazem as experiências sociais para os processos de ensino-aprendizagem se contrapõe a essa separação entre experiência e conhecimento”¹⁷. (SOUSA SANTOS, MENESES, 2010, p.16).

A professora Roraima em sua narrativa destaca como a temática da diversidade está intrínseca à nossa realidade:

O tema é intrínseco a nossa realidade, trabalhar os conteúdos das disciplinas sem relacionar com a diversidade cultural é uma prática contraditória. Desse modo, me parece que essa deva ser uma preocupação de todos os docentes no momento de planejamento e organização de suas disciplinas. (Professora Roraima)

Conforme o destaque feito pela professora, não trabalhar a diversidade cultural é contraditório, pois é algo que está intrínseco em nós, portanto, há que se ter preparação intelectual e metodológica para melhor conduzir os conhecimentos em torno dessa temática para e com os educandos, além de políticas públicas, instrumentos, e condições necessárias a cada contexto educacional.

¹⁷ Cf. uma densa reflexão sobre toda experiência social produz e reproduz conhecimento em SOUSA SANTOS, B. & MENESES, M. P. (Orgs.). *Epistemologia do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010.

Para tanto, Souza (2014) destaca a dimensão intelectual do trabalho docente, a partir de quatro domínios, dentre outros, que o professor deve possuir. O primeiro é o que será evidenciado, pois a nosso ver, precede o planejamento, organização e estruturação da prática do professor:

1. Domínio dos conteúdos do ensino. A despeito da importância de muito do que se falou sobre o fato de o ofício de professor ter que deslocar o foco do "ensinar conteúdos" para "ensinar a aprender", não há dúvida de que o domínio de conteúdos continua com lugar reservado na cultura escolar. Isso pouco tem a ver com acesso à informação - atividade para a qual a escola é até dispensável - e muito a ver com a aquisição da capacidade de transformar informação em conhecimento. Oxalá seja possível, além disso, fazer desse conhecimento um instrumento de formação de novas sensibilidades sociais, culturais, éticas e estéticas. Dificilmente será possível sem um profundo conhecimento dos embates culturais do nosso tempo. (SOUZA, 2014, p.233).

Os conhecimentos que o professor possui e compartilha com seus alunos têm capacidade de ir além do que imaginamos como Souza (2014) afirma em suas reflexões, é possível que sejam instrumentos, dentre outras coisas, de novas sensibilidades sociais e culturais. Por essa razão, os docentes precisam estar inteirados dos embates do nosso tempo para ter condições de trazê-los ao processo formativo e produzir novos saberes e reflexões partindo da temática da diversidade cultural.

A fala do professor Amazonas, por conseguinte, traz exemplos de suas atividades com os discentes a partir da exposição de resultados que um estudo conceitual pode gerar seja no âmbito profissional ou pessoal:

“[...] profissionalmente falando, tem duas experiências que eu gostaria de destacar para ilustrar a minha reflexão. A primeira experiência foi na primeira turma que eu tive como professor na FACED, no curso de férias, Sociologia da Educação II, quando entrei em agosto de 2013, se não me engano, e lá eu já introduzi na disciplina o debate sobre a Amazônia, tem um texto da professora Rosa Brito, professora aposentada do meu departamento, que trabalha com o conceito de caboclo, que eu não trabalho mais com esse conceito, mas na época ajudou a ter um impacto interessante. Esse texto dela eu não trabalho mais, inclusive critico, mas na época me ajudou e ajudou na reflexão em sala de aula. Quando terminou a disciplina uma aluna, que já se formou, chegou comigo e falou: - professor, obrigada! Eu falei: - por quê? - Porque depois dos nossos debates em sala de aula eu me percebi amazônida. aí eu falei: - como assim? (Tentei problematizar mais para não ficar só naquela afirmação), ela: - professor, depois das nossas aulas eu fui falar com meu pai e com a minha mãe, de onde nós somos? Qual a origem da nossa família? E eu descobri que eu sou Baniwa. Olha só, do Alto Rio Negro, e que ela nunca parou para pensar que ela é descendente de um povo originário. Então, olha o poder que tem reflexões simples, trazendo textos simples, que ajudou ela a perceber e sentir o desejo de saber: de onde eu vim? Da

onde a minha família veio? Qual o sangue que segue nas minhas veias? Qual é a minha ancestralidade?[...]”. (Professor Amazonas)

O mesmo continua tecendo reflexões sobre os acontecimentos que marcam sua prática docente e destaca também sua aproximação e parceria com a Educação Indígena:

*“[...]Outras experiências que me motivam e que me mostram que talvez eu esteja no caminho certo é justamente trabalhando com os professores indígenas, no DEEI como professor parceiro no DEI, quando eu trabalhei certas disciplinas na fazenda da UFAM com a turma Munduruku, com a turma Sateré, eu comecei a trabalhar mais sobre política, políticas públicas pra educação, mas eu também trazia o debate de política partidária e política no cenário nacional, e eu comecei a perceber um déficit nesses debates políticos entre os povos indígenas, por quê? Porque a educação, se a gente fazer uma análise histórica, percebe que a educação sempre foi um projeto do branco para o índio, tanto que tem uma tese, belíssima, da nossa colega do DMT, professora Waléria Weigel, que é o livro **Escola de branco, maloca de Índio**, um livro difícil de encontrar, eu tenho esse livro, mas é muito complicado você encontrar hoje, porque é uma raridade. Então a gente pega o projeto de escola e entende que sempre foi um projeto de branco para o índio, essa lógica de educação escolar veio mudar a partir da década de 70, justamente com os movimentos indígenas a ponto de se apropriarem do projeto de educação e ressignificar a sua prática em benefício próprio, na tentativa de entender como o branco pensa para que ele possa entender, como indígena, como dialogar com o branco e não cair, não ser vítima de suas armadilhas, [...]”* (Professor Amazonas)

As falas do participante, sem dúvida, abrem possibilidade para outras reflexões e estudos relevantes, pois tudo o que foi externado nos leva a analisar que o espaço educativo, seja ele formal ou informal, é capaz de proporcionar aprendizagens significativas que podem mudar visões, conceitos e vidas, como o caso da aluna que se descobriu descendente do povo Baniwa¹⁸. Acreditamos que essa é a finalidade da educação enquanto instrumento de transformação social: trabalhar os conhecimentos científicos necessários e ser aparato que auxiliará o educando em sua formação subjetiva; pensando sua origem, reconhecendo-se como cidadão de direitos e como parte integrante e importante desse pluralismo de culturas.

A formação nos níveis Básico e Superior tem contemplado mais os estudos e os diálogos com o campo da diversidade, provavelmente em razão dos movimentos sociais - o professor destaca os movimentos indígenas, e ao falar sobre a apropriação desses povos do projeto de educação feito pelo homem branco no intuito de ressignificar esse modelo em benefício da sua coletividade, o professor nos leva a refletir também sobre as contribuições

¹⁸ Baníwas são um povo indígena que habitam a região norte do Amazonas, Venezuela e Colômbia.

dos saberes desse povo para a nossa vida individual e coletiva, como destaca Ângelo (2006, p. 214):

Os povos indígenas têm muito a contribuir na busca de um mundo melhor para a humanidade. É partindo da igualdade, da diferença e da parceria que podemos criar o novo. Esse novo só poderá ser criado se a sociedade nacional oferecer a oportunidade aos povos de mostrarem sua capacidade e competência de gerenciar seu próprio destino. Enfim, trata-se de construir também novas concepções de entender o outro dentro da sua potencialidade individual e coletiva.

Por isso, assim como as escolas devem abrir as portas para a comunidade, a universidade precisa abrir ainda mais seus espaços para que os diferentes grupos e seus movimentos se integrem a esses ambientes construindo e trocando saberes, metodologias e práticas de modo que possam atender aos demais sujeitos da sociedade e compreender suas lutas, como afirma Moreira:

É também desejável que escolas e faculdades reforcem seus elos com os diversos movimentos da sociedade civil. Ainda que consigamos abrir espaço para a cultura do aluno e organizar a prática curricular a partir de suas experiências, interesses e necessidades, pouco contribuiremos para a criação de uma sociedade mais justa se não nos articularmos com as lutas que se dão fora das salas de aula. (MOREIRA, 2011, p. 49)

Através da convivência, por fim, trazendo as experiências desses movimentos, seus saberes e entendendo as suas lutas é que podemos pensar e por em prática um processo formativo que atenda as demandas da sociedade, com a consciência da importância dos debates coletivos onde estejam diferentes grupos que formam essa visível diversidade cultural e que tenham direito à voz e às decisões, se assim for necessário.

Sobre os resultados do estudo

Compreendemos com mais certeza, a partir do estudo realizado, que falar de diversidade cultural é algo amplo e complexo, mas ao mesmo tempo rico e inspirador, sobretudo, quando voltamos essa temática para a área da Educação com foco na formação de professores. Tudo o que foi refletido e observado no referido estudo nos permitiu entender que as dificuldades e possibilidades são inerentes ao trabalho do professor ou qualquer outro

trabalho e são essas percepções que tornam as mudanças possíveis, pois se não houvesse as dificuldades, as práticas não estariam suscetíveis às mudanças e nem aos avanços. O nosso progresso social e cultural, de certo modo, também depende das dificuldades para instigar o novo, assim poderemos avançar em ações, em pensamentos e desejamos que continuemos mudando, sempre na esperança que seja para circunstâncias melhores, respeitando as diferenças e os direitos de todos.

De modo geral, sobre o currículo, pensamos que não há como abranger todos os conhecimentos necessários à formação de professores e, por isso, fortalece-se o pensamento de que o professor deverá sempre ser pesquisador, pois à medida que se produz conhecimento e novas demandas culturais surge. Nesse sentido, acreditamos que o que realmente deve ser refletido é como a temática é abordada, com que intensidade, quais são as fundamentações teóricas que embasam os estudos e se o que foi planejado alcançou os sujeitos educandos em significado, se gerou algum sentimento de aproximação, pertencimento, valorização e incentivou o futuro professor a querer levar essa questão para o seu ambiente de ofício e outros espaços de aprendizado.

No que se refere ao Curso de Pedagogia/UFAM pensamos sempre haver a possibilidade de superar o que está posto, é um processo que requer estudo, disposição e clareza do processo educativo, aonde se quer chegar e qual sujeito se quer formar. Essa superação pode estar numa prática diferenciada que se projeta, no diálogo entre docentes e discentes buscando sondar as formas de melhoria do ensino, incluindo a diversidade cultural nas pautas; na pesquisa, até que se torne um hábito constante entre nós, a comunidade universitária e na construção e aplicação do currículo do curso como instrumento democrático, emancipatório, flexível, crítico e fortalecedor das diferentes culturas no espaço acadêmico.

Essas constatações feitas acerca dos desafios, do currículo do curso e da prática docente no contexto amazônico só foram possíveis em razão das ricas narrativas dos professores, sujeitos desta pesquisa, em conjunto com as bases teóricas estudadas que conversaram com os seus depoimentos. Nos permitindo, portanto, analisar as implicações do/no trabalho docente na formação de professores e a diversidade cultural.

Considerações Finais

Após analisarmos os desafios e as possibilidades do e no trabalho docente, o currículo 2008/2 do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação/UFAM e suas respectivas

disciplinas, e os depoimentos dos docentes entrevistados, articulados ao referencial teórico, chegamos à etapa de finalização, alcançando o objetivo central deste estudo: Identificar os desafios da diversidade cultural para e na formação de professores buscando compreender, especificamente, o estudo da temática no âmbito da graduação, fazendo uma delimitada análise e correlação da literatura com o currículo e depoimentos de quatro professores do Curso de Pedagogia da UFAM, com esperança de que a temática da diversidade cultural será muito mais debatida nos ambientes educativos, nos movimentos sociais e em outros espaços da vida cotidiana; porque estamos constantemente em processo de mudança e as questões que constituem essa diversidade (gênero, religião, família contemporânea, etnias, inclusão e outros) terão cada vez mais necessidade de ser dialogadas nos espaços de formação em todos os níveis.

Pensamos que formação de professores para a diversidade é algo pertinente e necessário em vista da sociedade visivelmente diversificada que temos, e que se modifica dia após dia, por essa razão é que o processo formativo foi o nosso foco central nesse estudo, pois antes da escola, onde buscamos formar sujeitos empáticos, conhecedores e respeitadores das diferenças, precede a Licenciatura em Pedagogia, território fértil para inserir e debater essa temática e inspirar um processo educativo escolar transformador.

Portanto, nosso desejo é que todo esse estudo possa ser mais uma fonte de inspiração a novas pesquisas e reflexões e abrir portas para novos debates, pois a riqueza cultural e a diversidade são fatores inegáveis e indispensáveis na nossa realidade. Ocultar, menosprezar ou tratar como algo sem importância principalmente no contexto da educação é negligenciar também o direito de ser diferente, ser reconhecido, respeitado e aceito. Se desejamos que os sujeitos educandos exerçam seus direitos com propriedade e conhecimento no meio social, devemos então evidenciá-los cada qual com suas subjetividades e bagagens culturais, para que o preconceito, o julgamento e a discriminação se tornem a cada dia intoleráveis, pois a pluralidade de culturas existe e coexiste na história humana e com tantos avanços tecnológicos e científicos devemos também avançar enquanto sociedade, em busca dessa possível e desejável justiça e liberdade de sermos quem somos contando com respeito e a empatia necessária.

REFERÊNCIAS

AMADO, J. **Manual de Investigação Qualitativa em Educação**. 2. ed. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2014.

ÂNGELO, F. N. P. **A educação escolar indígena e a diversidade cultural no Brasil.** In: GRUPIONI, L.D.B. (org). **Formação de professores indígenas: repensando práticas.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2006.

ARROYO, M.G. **Currículo, território em disputa.** 5 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

BOGDAN, R. C; BIKLEN, S. K. **Pesquisa qualitativa em educação.** Porto, PT: Porto Editora, 1994.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

_____. CNE. **Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Pedagogia.** Conselho Pleno. Parecer CNE/CP nº 05/2005.

BUSQUETS, M. D et al. **Temas transversais em Educação: Bases para uma formação integral.** Tradução: Cláudia Schilling. 6. ed. 5. imp. São Paulo: Ática, 2003. (Série Fundamentos) In: SOUZA, J. V. A. et al. **Formação de professores(as) e condição docente.** Belo Horizonte: UFMG, 2014.

CAPELLINI, V. L.M. F.; MACENA, J. O. **A diversidade cultural na formação e atuação de professores.** Revista Educação e Fronteiras On-line, Dourado/MS, v.8, n.22, p. 160-176, jan./abril. 2018.

CUCHE, D. **A noção de cultura nas ciências sociais.** Tradução de Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 1999. 256p.

DESLANDES, S. et al. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade.** 21. ed. Petrópolis, RJ: VOZES, 1994.

FERNANDES; R. F. **Sobre povos indígenas e diversidade na escola: superando estereótipos.** In: BELTRÃO, J. F; LACERDA, P. M. **Amazônias em tempos contemporâneos: entre diversidades e adversidades.** Rio de Janeiro: Mórula, 2017.

FILHO, L. M. F. **A universidade e a formação de professores: uma discussão necessária.** In: SOUZA, J. V. A. et al. **Formação de professores(as) e condição docente.** Belo Horizonte: UFMG, 2014.

FURLANI, J. **Sexos, sexualidade e gênero: monstruosidades no currículo da educação sexual.** Educação em Revista, V. 46, dez. 2006. In: MORAES, E. M.; PEREIRA, J. E. D. **Formação docente e diversidade cultural: complexidade, polissemia e consciência política.** Revista Roteiro, Joaçaba, Edição Especial, p. 105-130. 2014.

GATTI, B. A. **Formação de professores: compreender e revolucionar.** In: GATTI, B. A. et al. **Por uma revolução no campo de formação de professores.** São Paulo: Editora Unesp, 2015.

GOMES, N. N; SILVA, PETRONILHA, B. G. **Experiências étnico-cultural para a formação de professores.** 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

GONZAGA, A, M. **Reflexões curriculares a partir de professores em formação.** In: GHENDIN, E; GONZAGA, A. M; BORGES, H.S. (Org). **Currículo e práticas pedagógicas.** Rio de Janeiro: MENVAVMEM. 2006. 280p.

LARAIA, R. B. **Cultura: um conceito antropológico.** ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

LIBÂNEO, J. C; OLIVEIRA, J. F; TOCHI, M.S. **Educação escolar: Políticas, estrutura e organização.** – 10 ed.rev.ampl. – São Paulo: Cortez, 2012.

MORAES, E. M; PEREIRA, J. E. D. **Formação docente e diversidade cultural: complexidade, polissemia e consciência política.** Roteiro, Joaçaba. Ed. Especial, p. 10 -130. 2014.

MOREIRA, A. F. B. **A formação de professores e os alunos das camadas populares: subsídios para debate.** In: ALVES, N. (Org). **Formação de Professores: pensar e fazer.** 11. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

NUNES, B. **Um conceito de cultura.** Belém: Conselho Estadual de Cultura, 2004. 24 p.

RODRIGUES, A. L. C. **A complexidade da cultura amazônica e seu reflexo para a organização e representação da informação.** *AtoZ*, Curitiba, V. 1, n. 2, p. 10-25, jan./dez. 2012.

ROCHA, S. C. B; GONZAGA, A. M. **Currículo, transversalidade e migração.** In GHEDIN, E; GONZAGA, A. M; BORGES, H.S. (Org). **Currículo e práticas pedagógicas.** Rio de Janeiro: MEMVAVMEM, 2006. 280p.

SACRISTÁN, J. G. **O currículo: uma reflexão sobre a prática.** 3 ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico.** 23 ed.rev. e atual. – São Paulo: Cortez, 2007.

SOUSA SANTOS, B. & MENESES, M. P. (orgs.). **Epistemologia do Sul.** São Paulo: Cortez, 2010. In: ARROYO, M.G. **Currículo, território em disputa.** 5 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

SOUZA, J. V. A. **Os profissionais de ensino como mediadores das culturas na escola.** In: SOUZA, J. V. A. et al. **Formação de professores(as) e condição docente.** Belo Horizonte: UFMG, 2014.